Sexualidade, tempo e psicanálise: amarrações possíveis

Roberta Giacobone¹

RESUMO

O presente artigo parte do paradoxo existente entre a visão capitalista de tempo, *time is money*, e a lógica de um tempo próprio à prática psicanalítica. A escuta, em sua concepção de receptividade da palavra do outro, exige uma posição feminina do analista. Nesse sentido, problematizamos as implicações da sexualidade do analista nas conduções das curas a que se propõe.

Palavras-chave: Psicanálise. Tempo. Sexualidade.

*“Não se deve compreender muito rápido.”
(Jacques Lacan)*

A inquietação que motiva a escrita desse artigo surge da prática clínica. Após alguns anos destinados à escuta psicanalítica, passo a me ocupar do tema do tempo. Em que tempo se produz um processo de análise? Freud já havia assinalado que o tempo do inconsciente respeita outra lógica que não a cronologia que organiza a vida social e coletiva. Alertou também que o furor dos analistas de rapidamente curarem seus pacientes poderia ser uma das grandes resistências ao trabalho.

Nas atividades destinadas à transmissão da psicanálise, ao compartilhar as possíveis formas de condução do trabalho clínico com colegas, novamente me vejo interpelada pelas questões: o que fazer agora? Que interpretação fará essa

¹ Psicanalista, membro Efetivo do CEPdePA.

resistência se dissolver? Como conduzir essa transferência, o que dizer? Tornam a me visitar minhas antigas questões: é prioritariamente na atividade ou na passividade que o analista conduz uma cura? Falo ou calo? E nesse contexto, passo a pensar nas posições masculina e feminina para problematizar: qual o tempo próprio a uma cura psicanalítica? E qual o lugar do analista nessa travessia?

Contudo, para essa reflexão, seria interessante não desconsiderar as particularidades do tempo em que vivemos. Tempos de convulsão social: caos, velocidade, produtividade, aparência. A aparição, a presença, a performance como formas de existência em um sistema marcadamente capitalista.

Os avanços das tecnologias trazem incontáveis vantagens e novidades; marcam, como afirma Mario Fleig, em uma comunicação que fez no CEPdePA (2019), uma catástrofe. Segundo ele, a palavra catástrofe não aponta de forma direta a um horizonte trágico. A partir da etimologia da palavra (do grego, *kata* – para baixo; *strophien* – virar), temos a perspectiva de que catástrofe é a expressão de uma agitação que produz mudanças profundas. As novidades tecnológicas, assim como foi com o surgimento da escrita em seu tempo, viraram de cabeça para baixo algumas das conhecidas engrenagens que regem o laço social.

Pensar que as relações do sujeito com a interface social não interferem no processo de análise seria opor-se à ideia de que a Psicanálise, por sua vocação subversiva, caminha junto com a humanidade, ensinando-nos que

[...] a fantasia fundamental norteia a posição do sujeito no laço social que estabelece, e isso afeta diretamente tanto o analisante quanto o analista que, a partir de sua análise pessoal, deve estar prevenido em relação ao lugar que ocupa e aos efeitos que isso integra em seu ato como analista, nas instituições e na polis também. Aí está a política sempre. Ser falante é ser político (BARBIERI, 2017, p. 89).

Aprofundando a ideia da dimensão política do inconsciente, proposta por Lacan, Melman (1999), quando entrevistado por Jean-Pierre Lebrun, afirma que o apogeu do capitalismo, em expansão desde o século XIX, contribuiu com a produção do que chama uma nova economia psíquica. Essa outra dinâmica estaria

menos sustentada pelo recalque (ficção/tempo/memória) e mais relacionada a um gozo exibicionista. No campo da psicopatologia, seriam duas lógicas completamente distintas, a primeira:

[...] fundada na assunção de um traço que assegura a identidade; a outra é organizada pela busca incessante das marcas de uma identidade que só vale no olhar do semelhante e que só pode ser validada por um efeito de massa – reconhecimento público, midiático – e que nunca é definitivamente adquirido (MELMAN, 1999, p. 172-173).

Essa expansão do capitalismo aponta para o avanço das tecnologias, o que altera a relação do sujeito com o tempo e com o Outro (outro). Se tomarmos como modelo de pensamento o laço que hoje se estabelece nas redes sociais, percebemos que este se dá em tempos e modalidades diferentes. Urgências em receber *likes*, em obter, de alguma forma, um reconhecimento; sentir-se curtido, visível, amado, feliz, urgentemente atendido em uma demanda. Contudo, podemos pensar que há um apagamento da figura do Outro. Essa demanda não é endereçada à singularidade alguma, ela é uma tentativa do sujeito de lançar-se no campo do outro, mas do outro semelhante, e, pela quantidade desse reconhecimento, produzir um gozo que descentra uma demanda endereçada a alguém.

Nesse sentido, para Melman (1999), seriam inegáveis os efeitos das mudanças sociais na economia psíquica e, conseqüentemente, na transferência, que se daria de forma mais real. A insistência do analista em marcações simbólicas traduz a possibilidade da orientação de uma simples conversa a um processo de análise, afirma o autor, mas não há garantias, na medida em que o lugar do Outro, da alteridade, não estaria mais no cerne do que chama a nova economia subjetiva.

Vivemos em um ritmo diferente daquele que orquestrava a fundação da Psicanálise. Como seguir sustentando a abstinência e o silêncio, necessários à escuta, quando a resposta precisa ser imediata, quando o tempo é dinheiro, é valor, é dom, é falo, quando a transferência se apresenta em facetas imaginárias, simbólicas e reais (MELMAN, 1999)? A Psicanálise, na contramão da vertente capitalista do tempo, propõe-se a experienciá-lo a partir de outra perspectiva. O tempo de

uma ausência de sentido, tempo de suspensão, o tempo do não saber como expressão maior da causa inconsciente.

Como fazer trabalhar esse paradoxo temporal dentro da clínica psicanalítica? Como sustentar uma prática baseada em matizes tão diferentes das urgências contemporâneas? Quais as implicações e os efeitos dessas questões sobre a transferência do analista? Se tempo é dinheiro, se dinheiro é falo, qual é o tempo da condução de uma análise? A partir dessas interrogações, a escrita desse artigo vai se tecendo, na tentativa de percorrer alguns dos enlaces possíveis entre tempo e sexualidade. Nossa intenção não é trabalhar os efeitos da cultura nas possíveis novidades do campo da estruturação psíquica, mas colocar novamente o analista na berlinda a partir dessas convocações contemporâneas.

Pretendemos, então, adentrar nas questões referentes à sexualidade do analista. Quais as ressonâncias da política, da economia, das artes, dos ritmos e das formas de laço social do tempo particular em que ele vive na estruturação de sua fantasia neurótica e quais as conexões destas com as conduções da cura a que se dispõe? Para essa problematização, teremos como premissa norteadora a ideia de que a castração do analista é um dispositivo clínico potente.

1 TEMPO E SEXUALIDADE: MASCULINO E FEMININO EM CENA

Sexualidade em psicanálise é uma referência mais ampla que genitalidade. Sexualidade é infantil não porque vivida na infância, mas por uma peculiar qualidade desta. Ela é sempre infantil, parcial, na medida em que se ancora em uma história de amor e desamor que produz o sujeito e o marca com o fantasma das suas origens. A condução dos caminhos da sexualidade depende fundamentalmente de uma orientação que se encontra no Outro. Essa orientação é a palavra, um signo que vem ocupar o lugar do objeto (de amor) perdido, instituindo o universo simbólico.

A Revista Cult, em uma edição que aborda o tema do feminino e do feminismo na psicanálise, traz um interessante recorte que ilustra a importância do significativo.

Quero fazer xixi, diz a filha de cinco anos, para o embarço do pai que almoça com ela em um restaurante tradicional, desses que só tem dois banheiros, o masculino e o feminino. Então, vamos no feminino, diz o pai, torcendo para não ter ninguém por lá. Não!! No feminino não pode, responde ela para o espanto do pai. Didática, ela explica, Paiê, quero ir no fe-menina! O fe-menino é para meninos! (IANNINI; RODRIGUES, 2018, on-line).

A cena explicita uma aquisição da menina que consegue transformar a segregação urinária em uma experiência de linguagem. A questão não se refere à anatomia, o corpo é ficcional na medida em que precisa ser simbolizado pela palavra. Por isso, toda a construção é social, refere-se não à biologia, mas à língua. E as ressonâncias subjetivas dos corpos recortados pela língua são infinitas.

A questão das diferenças sexuais, e suas implicações ético-políticas, é um dos temas centrais quando debatemos a sexualidade humana. Não diz respeito a corpos ou a destinos anatômicos, mas às diversas e inesgotáveis possibilidades potentes e prazerosas de habitação dos corpos, através dos significantes. O sujeito não é um corpo. O ser humano nasce corpo e precisa tornar-se sujeito. Seria nos tensionamentos entre o pulsional e as normas socioculturais que se produz o sujeito do inconsciente, um ser simbólico.

Portanto, quando falamos em masculino e feminino, é importante marcar que não se trata de uma questão biológica. Gênero é um conceito mais amplo que a anatomia, uma vez que se refere à forma como cada sujeito subjetiva seu corpo e o afirma socialmente. Falo também é um conceito mais amplo que pênis, uma vez que este só se torna a metáfora do objeto de desejo na medida em que o representa para alguém. Numa releitura dos textos freudianos sobre a sexualidade, Kehl (2016) reafirma a grande descoberta de o funcionamento psíquico ser sexual. Contudo, diante da constatação da não aderência do falo ao pênis, formula: “Já não basta portar um pênis para ter um falo, o que deveria lançar o menino, na teoria psicanalítica, a uma condição tão incerta quanto a da menina.” (KEHL, 2016, p. 165).

O caminho identificatório (sou/não sou o falo) como disposição inicial seria independente da anatomia, embora Freud imagine destinos diversos na travessia

edípica do menino e da menina, ambos atrelados à anatomia. As identificações (primária e secundária) têm caminhos tortuosos e não lineares, não necessariamente vinculados à docilidade dos corpos, oprimidos ou orientados por uma ordem sociopolítica. São a manifestação de uma produção autoral, consequência de uma travessia singular de simbolização do pulsional e de metaforização dos corpos.

Nesse sentido, entendemos que masculino e feminino não são, nesse contexto, sinônimos de homem e mulher. Seriam significantes que estão presentes nos sujeitos e operam a construção das subjetividades. O nó que amarra e sustenta essa construção, Freud chama Édipo. Nessa passagem, as identificações e as escolhas de objeto fundam o sujeito psíquico. Nesse trajeto, as identificações são com os ideais, ou seja, com os desejos inconscientes do outro primordial, e apresentam-se com facetas masculinas e femininas. Representar a pulsão sexual é justamente a causa que põe em marcha a fabricação dos sujeitos. Mas, se essas palavras, masculino e feminino, não se coadunam com a dureza da biologia, o que pretendemos quando falamos em masculino e feminino?

Encontramos na letra de Freud indícios para pensar. Desde seus primeiros Estudos sobre a Histeria (1895), o autor vai indicando que os corpos femininos da época padeciam como forma de denunciar uma sexualidade reprimida, impedida de realizar-se. A partir da experiência clínica com Dora, em seu pós-escrito, Freud (1905 [1901]) afirma que a identificação masculina está no cerne da questão histórica e que o acesso à feminilidade, nesses casos, seria uma aquisição. Embora a maioria dos relatos dos Estudos sobre a Histeria tenha sido de analisandas mulheres, o sofrimento manifesto devia-se a uma singular posição do sujeito na economia sexual: a histórica não sabe se é homem ou mulher. Nesse sentido, a identificação estaria no ser o falo, logo, em uma posição ativa e masculina. Pergunta-se Dora sobre a brancura do corpo da Senhora K. Em uma posição homossexual, busca acesso ao feminino (FREUD, 1905 [1901]).

De acordo com Kehl (2016, p. 163):

[...] para Freud, é a decepção com a masculinidade imaginária que lança a menina na posição feminina, associada à

passividade sexual e ao abandono da masturbação (fálica) clitoridiana; mas, a passividade, assim como os recursos sedutores encobridores (da castração) que ela constrói ao identificar-se com a mãe, e que constituem a feminilidade, revelam não uma desistência, mas apenas um adiamento da posse fálica. A feminilidade é um truque, e a posição feminina um sacrifício temporário oferecido pela mulher freudiana ao homem em troca de um interesse verdadeiro: o filho-falo.

Freud (1905, 1908) trabalha a disposição bissexual constitutiva como hipótese orgânica. A constatação das diferenças (eu x não eu) (presença x ausência) coloca em marcha o trabalho de constituição do si mesmo, e os efeitos dessa constatação produzem-se a partir da linguagem. Há um discurso que antecede o sujeito, dimensão social, que lhe apresenta a diferença. A forma como essa diferença se inscreve depende de um ato de linguagem, de uma narrativa que coloca em marcha o registro da diferença com ou sem um registro de valor.

Dessa forma, caber-nos-ia poder pensar que o núcleo da fantasia neurótica orbita em torno de um ideal de perfeição e completude, de um sujeito que não deseja, pois a ele não falta. A presença do falo (imaginário) como acoplado ao sujeito cria a ilusão da possível não castração, nessa montagem em que o sujeito se imagina sendo o falo ou o supõe em objetos palpáveis, que, obedecendo a um deslizeamento, representam esse significante sem nunca realizarem totalmente sua aparição. A metonímia do desejo. Ser o falo é do campo do impossível, metáfora de uma presença visível do todo.

Mas a instauração do desejo e do significante é condicionada por uma falta, uma perda. A palavra surge onde o objeto faltou; o sujeito só acessa o simbólico pela perda da completude imaginária. A lei edípica vem para operar essa passagem. Logo, o feminino, que retrata uma ausência enigmática, é a causa do desejo. A importância da sustentação do interdito é o que torna o bicho homem sujeito, ao instaurar a necessidade do verbo, permitindo ao desejo desdobrar-se em palavras, perdendo-se em uma cadeia de significantes.

2 O TEMPO DA ESCUTA: A CASTRAÇÃO DO ANALISTA

Freud, em 1930, recebe em Frankfurt o Prêmio Goethe de literatura, que o homenageia pelo conjunto de sua obra. Nesse episódio, seu texto *Sobre a Transitoriedade* (1916 [1915]) é considerado, por unanimidade, um escrito poético (JORGE; FERREIRA, 2005). Nesse manuscrito, que une arte e ciência, o autor afirma que a eminência da perda é o que traz beleza à experiência. A castração é homenageada, nesse escrito, como fator estético que valoriza o vivido. Se essa leitura tem algum sentido, por que não pensar sobre como a castração do analista vem sendo trabalhada dentro da prática clínica?

Retomando a premissa que situa a fantasia e o desejo neuróticos no avesso da falta, como trabalha o psicanalista para corroborar ou não essa tese? De que forma a castração transmite-se como experiência no seio da vivência de uma psicanálise? Pensamos que a resposta a essa questão é plural, mas que uma forma possível seria através dos tempos da intervenção.

A transferência, como nó que liga analista e analisante, serve de bússola para indicar caminhos. O desejo, para que surja, depende de uma perda, de uma frustração. De acordo com Freud, a prática da psicanálise precisa ser exercida dentro do pressuposto de não satisfação da demanda. Mas o que é demanda? Um querer do outro; o campo de domínio do imaginário, em que o sujeito é regido pelas deduções sobre o querer do outro: o que queres de mim para que me ames?

Na clínica, o silêncio, algumas vezes, pode ser uma forma de frustração dessa demanda de amor. Pensamos aqui no silêncio, conforme descrito por Nasio (1999), quando indica que este não necessariamente se associa ao estereótipo de um analista mudo e desafetado, mas sim à expressão de um silêncio em si. Entendemos, nessa concepção de silêncio, que a qualidade da abstinência esteja presente, permitindo ao analista ser mais livre conforme aja menos movido por suas próprias fantasias neuróticas e demandas de amor.

Sabemos que, muitas vezes, é de grande valor aquilo que o analista não sabe e silencia, para que a verdade do desejo do analisante possa surgir. No polo oposto ao não saber almejado, para que o inconsciente seja escutado, teríamos o desejo de saber, o qual traz consigo insígnias fálicas que podem precipitar a significação.

Desde a posição de sujeito-suposto-saber, caberia ao analista poder silenciar como forma de arremessar o sujeito em seu próprio universo linguageiro, impeli-lo a percorrer suas próprias palavras, escutar-se, e, nesse passeio significante, descobrir sobre o inconsciente, o próprio não sabido. Lacan (1958) auxilia-nos nesse pensamento quando propõe que, ao analista, cabe a condução da cura, e não do inconsciente do seu analisante. Resguarda a ideia de ser ingovernável o pulsional e, nesse sentido, de que o inconsciente não é objeto de observação do analista. Ele também está submetido aos efeitos da transferência.

Para que essa cena transferencial surja, o analista, enquanto sujeito barrado, entra na operação analítica menos como sujeito de desejo. É preciso que sua fantasia neurótica fique minimamente distante dessa operação para que um outro sujeito possa aparecer na transferência. O sujeito-suposto-saber, que não é o analista, mas se veicula através dele, faz com que a queixa do analisante se torne demanda de análise. A transferência é trabalho do analisante, e o analista, como bem retrata Lacan (1958), vale-se do poder desse princípio clínico, que faz com que qualquer balbúcio possa galgar o estatuto de interpretação. Ao analista, então, cabe o ato, o ato do silêncio como abertura para o novo, um novo discurso que não obedece apenas a uma demanda imaginária de amor, mas que pesquisa o perpétuo não sabido do sujeito em si, o inconsciente.

Mas quais seriam as ressonâncias das fantasias neuróticas do analista nesse processo? Saber, falar, ter a palavra certa que romperá com uma lógica resistencial podem ser aspirações delicadas em uma prática que se pretende psicanalítica. Muitas vezes, interpelados pela lógica de que tempo é dinheiro, analistas embarcam na ilusão de que o tempo e o dinheiro investidos no processo precisam ser revertidos em produtos. O valor estaria na presença, no que se tem, no que se adquire, no que se ganha em um tempo regido pelo mercado. Nessa perspectiva, seria preciso intervir.

No ardiloso manejo do caso clínico do Homem dos Lobos, Freud retoma um antigo conceito, inicialmente trabalhado em seus Estudos Sobre a Histeria, o *a posteriori*. O tempo da posterioridade (*Nachträglichkeit*) é o tempo que constitui a realidade psíquica. É o tempo da formação do trauma e o tempo de funcionamento do próprio tratamento psicanalítico. Figueiredo e Machado (2000) postulam sobre o tempo próprio da ação do analista.

Não se trata de um tempo que retorna ao passado, ao modo de uma ideia de regressão. Não é um tempo linear, evolutivo. Trata-se de um presente que retroage sobre um passado cujo resultado é a preparação de um futuro marcado por essa retroação, e não o encadeamento de um passado-presente-futuro num tempo de evolução-regressão. Ele retroage para produzir alguma significação (FIGUEIREDO; MACHADO, 2000, p. 69).

A transferência é a engrenagem que possibilita à análise não ser uma experiência de dependência emocional, nem uma historicização em que o passado justifica os desvios do desejo. Por isso, a importância de pensar o seu manejo, como ponto de estofo, de revivência da outra cena (passado) que se atualiza (presente). Mas, corremos o risco de, a partir de uma demanda neurótica (resistência do analista), reproduzir o trauma quando nosso tempo e nosso manejo baseiam-se no pressuposto fálico. Nesse sentido, o tempo da análise precisaria ser um tempo feminino; tempo criativo, mas que, para possibilitar o novo, precisa da sustentação de um espaço vazio.

Em entrevista à Barbara Paz, no programa A Arte do Encontro, a cineasta Anna Muylaert, roteirista e diretora do filme “Que horas ela volta” (2015), entre outros, explica seu processo criativo através da necessidade de um tempo de ócio. É na ociosidade própria ao tempo vazio que algo pode ser gestado, criado. Por isso, o tempo criativo passar-se-ia nos moldes da feminilidade.

A libido é de essência masculina (FREUD, 1915), na medida em que traduz um imperativo de ação, exige descarga. A escuta é feminina em seu âmago, é passiva, no sentido de receptividade. Escutar tem como condição a abstinência da sexualidade do próprio analista, para que um desejo outro possa surgir. Receber com interesse as palavras que nos chegam do outro talvez seja o que a psicanálise possa oferecer, sobretudo nos tempos atuais, em que o dito/feito masculino dá a tônica das relações. Pela complexidade do tema, é fundamental, aos que pretendem exercer a prática psicanalítica, uma constante revisita ao seu universo sexual, para não perder de vista que a transmissão da falta-a-ser é a mola propulsora da cura.

REFERÊNCIAS

BARBIERI, C. O que a psicanálise tem a dizer sobre política? **Revista Estudos Psicanalíticos**, Belo Horizonte, n. 48, p. 89-98, jul./dez. 2017.

FIGUEIREDO, A. C.; MACHADO, O. R. O diagnóstico em psicanálise: do fenômeno à estrutura. **Ágora**. v. 3, n. 2, p. 65-86, jul./dez. 2000.

FLEIG, M. **A subjetividade em tempos de redes sociais**. 13 jun. 2019. (Comunicação interna CEPdePA).

FREUD, S. (1895). Estudos sobre a histeria. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Edição standard brasileira, 2).

FREUD, S. (1905 [1901]). Fragmentos da análise de um caso de histeria. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Edição standard brasileira, 7).

FREUD, S. (1905). Três ensaios sobre a sexualidade infantil. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Edição standard brasileira, 7).

FREUD, S. (1908). Fantasias históricas e sua relação com a bissexualidade. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Edição standard brasileira, 9).

FREUD, S. (1915). O instinto e suas vicissitudes. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Edição standard brasileira, 14).

FREUD, S. (1916 [1915]). Sobre a transitoriedade. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Edição standard brasileira, 14).

IANNINI, G.; RODRIGUES, C. A psicanálise entre femininos e feminismos: velhas discordâncias, novas aproximações. **Cult**, São Paulo, n. 238, 2018.

JORGE, M. A. C.; FERREIRA, N. **Lacan, o grande freudiano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

KEHL, M. R. **Deslocamentos do feminino**: a mulher freudiana na passagem para a modernidade. São Paulo: Boitempo, 2016.

LACAN, J. (1958). A direção do tratamento e os efeitos do seu poder. *In*: LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

MELMAN, C. **O homem sem gravidade**: gozar a qualquer preço. São Paulo: Companhia de Freud, 1999.

MUYLAERT, A. **A arte do encontro**. Temporada 1. Episódio 21. Canal Brasil: 14 dez. 2016.

NASIO, J. D. **Como trabalha um psicanalista?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

Sexuality, time and psychoanalysis: possible ties

ABSTRACT

The present article is based on the paradox between the capitalist view of time – Time is Money- and the logic of a proper time to the psychoanalytic practice. Listening, in its conception of receptiveness to the word of the other, demands a feminine position from the analyst. In this sense, we problematize the implications of the analyst's sexuality in the conduction of the treatment.

Keywords: Psychoanalysis. Time. Sexuality.